

Neste número da *Revista Brasileira de História da Ciência* já se pode notar a consolidação de duas metas importantes estabelecidas pela editoria, a saber:

1) O incremento significativo da quantidade de trabalhos publicados, sem qualquer atropelo do rigoroso processo de revisão pelos assessores em detrimento da qualidade.

2) A maior internacionalização do periódico, particularmente com artigos de colegas latino-americanos.

Tal fato, sem dúvida, é motivo de comemoração. Mas comemoramos também a permanência de outras características deste periódico, quais sejam: a variedade e abrangência – temática e geográfica –, bem como a perspectiva a interdisciplinar dos trabalhos.

A seção de artigos se inicia com o texto integral da conferência de encerramento do **13º SEMINÁRIO NACIONAL DE HISTÓRIA DA CIÊNCIA E DA TÉCNICA** (São Paulo, setembro de 2012), proferida pelo professor Kostas Gavroglu, que discute de maneira instigante e profunda questões políticas e ideológicas implicadas na divulgação científica. O segundo trabalho, de Graciela Agnese, explora a pesquisa sobre a febre hemorrágica Argentina (FHA) no contexto social e econômico das décadas de 1960 e 1990, que culminou com o desenvolvimento de uma vacina, chamando a atenção para o papel do Estado e as tensões com os cientistas.

A seguir, temos o artigo de Luiz Carlos Borges, Manuela Brêtas de Medina e Lívia Nascimento Monteiro em torno do discurso científico presente na obra *O Selvagem* (1876), de Couto de Magalhães, a qual apresenta um ideário de nação em que os indígenas, por suas qualidades e conhecimento, têm papel central na construção da nação. O quarto artigo, de autoria de Marta de Almeida, relaciona de maneira singular o Observatório Nacional, Saúde Pública e Higiene, ao discorrer sobre a participação do então diretor do ON, Henrique Morize, no 4º Congresso Médico Latino-Americano (1909), no Rio de Janeiro por meio da apresentação de uma Memória científica e pela exibição de alguns artefatos da instituição na Exposição Internacional de Higiene, anexa ao Congresso. Almeida destaca, por meio de sua abordagem, as redes de produção e de circulação do conhecimento científico estabelecidas entre instituições com perfis e missões diferenciadas.

O quinto artigo, de Roberto Lopes dos Santos Júnior, descortina um rico panorama da Ciência & Tecnologia desenvolvidas no período soviético e pós-soviético (1917-2010), que transitou de um momento de políticas altamente centralizadoras para um “renascimento”, após anos críticos (1992-96) e até mesmo caóticos. No sexto artigo retornamos à Argentina, desta vez por meio das mãos de Nerina Sarthou e das revistas científicas de Ciências Sociais,

cujo foco recai sobre a institucionalização do campo das relações internacionais. Para tanto, a autora recorre a detalhada análise do *corpus* bibliográfico da revista, a entrevistas e a fontes secundárias, visando a estabelecer o *locus* destes periódicos no campo em questão.

O sétimo artigo analisa o papel da Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB), particularmente o papel de Pierre Monbeig e de seu conceito de “frentes pioneiras”, no qual o autor Carlos Eugênio Nogueira “estabelece aproximações entre o contexto histórico de formulação dos discursos científicos e as ações que intentavam alterar a configuração espacial do território brasileiro no início do século XX”. O próximo texto nos chega do México e trata de tema ainda pouco comum na literatura da História das Ciências – mas conectado ao artigo de abertura deste número: os livros texto de ciências para o público infantil. Rodrigo Vega y Ortega concentra-se no último terço do século XIX, quando houve um aumento dos projetos voltados para levar a ciência a todos os grupos sociais que constituíam a nação mexicana. Dentro deste propósito, as revistas para crianças foram meios de comunicação imprescindíveis para a divulgação do conhecimento científico.

O último texto centra-se na História da Tecnologia, mais especificamente na difusão do processo de construção de uma ponte tipo *lattice* em Minas Gerais no século XIX. Télio Anísio Cravo mostra, por meio da construção da ponte e do uso de fontes inéditas, a importância de distintos atores no âmbito da Engenharia no Brasil, bem como identifica formas de contato e transmissão de conhecimento científico e tecnológico durante o processo.

Finalmente, trazemos a segunda parte da tradução de *Sobre os Corpos Flutuantes*, pelos professores André Koch de Assis e Nivaldo Benedito Ferreira Campos. Encerramos o fascículo apresentando duas resenhas. Uma, de Luis Miguel Carolino, de um livro de Giordano Bruno recentemente publicado em português e outra, de Deise Rodrigues, do livro de Carlos Alvarez Maia, intitulado *Estudios de historia, ciencias y lenguaje: los saberes como producción discursiva. Si “todo es texto”, ¿donde queda la ciencia?*. Além disso, brindamos os leitores com dois resumos de tese e dois de dissertações.

Temos certeza de que este número será uma leitura muito apreciada.

Heloisa Meireles Gesteira
Silvia Fernanda de Mendonça Figueirôa
editoras